

O "show" só começa hoje

ROBERT APPY
Enviado especial

WASHINGTON — Costuma-se dizer que após a publicação do comunicado do comitê interino, a reunião anual do FMI — Banco Mundial está terminada, ainda que não tivesse começado. De fato, será somente hoje que o grande show das finanças internacionais se iniciará na grande sala de baile do hotel Sheraton. Domingo à noite houve um primeiro ensaio, com o coquetel que reunia mais de cinco mil pessoas mais preocupadas em obter bebidas e comida do que discutir os problemas internacionais.

Fato novo: este ano os membros do comitê interino puderam participar do coquetel, pois pela primeira vez, este órgão conseguiu encerrar seus trabalhos no horário previsto. É o sinal de um certo consenso entre os participantes. Não se deve concluir, todavia, que tal consenso reflete o cansaço dos participantes. Ao contrário. Especialmente quanto ao problema da dívida externa, o comitê interino está progredindo, ainda que a passos lentos, como se deve um organismo que parece ter por modelo a Igreja católica.

Existe uma certa arte para se ler o comunicado, sempre elaborado com nuances que a entrevista coletiva de ontem de manhã permitiu esclarecer. Uma leitura rápida poderia levar o Brasil a uma grande decepção quando o comunicado especifica — visando, sem nenhuma dúvida, o nosso País — que "as iniciativas unilaterais apresentam grandes riscos para todas as partes", isto é, os credores e os devedores. É uma satisfação dada aos membros mais conservadores do comitê, mas tal afirmação deve ser interpretada em função do texto integral.

É um fato importante que o comitê interino tivesse dedicado uma tarde inteira à discussão do problema da dívida externa. Um passo à frente quando o comunicado reconhece que, "para ser resolvido, o problema do endividamento exigirá mais tempo do que se havia inicialmente previsto". Continua a se repetir que o FMI exerce um papel cen-

tral na estratégia do problema da dívida. Em compensação, o comitê recebe com satisfação a diversificação crescente das fórmulas de financiamento recentemente negociadas entre credores e devedores, acrescenta. "Convém particularmente destacar a criação não somente de diversas formas de novos títulos e novos instrumentos financeiros como também as fórmulas que não geram um crescimento da dívida." O Brasil pode achar tal abertura um ponto positivo.

Quando o comunicado reconhece a necessidade de estudar fórmulas para os países mais pobres obter taxas de juros menores sobre seus empréstimos oficiais, podemos considerar que os países mais ricos têm uma comporta que poderá ser utilizada mais tarde para os países endividados menos pobres.

O comitê interino aceitou prorrogar por mais um ano as facilidades ampliadas de crédito que havia pensado extinguir no exercício de 1988. Aceita que a board do FMI estude as normas da condicionalidade. São progressos importantes quando se conhece a lentidão das decisões nos organismos internacionais. A nova revisão de cotas do FMI, isto é, um aumento do capital da instituição, começou a ser estudada. É de se prever que a decisão não seja emissão de novos direitos especiais de saque, ainda que a maioria dos participantes do comitê interino se mostre a favor de uma nova emissão.

A nova modalidade de ajuda aos países mais pobres (Facilidade de Ajustamento Estrutural — SAF, criada em 1986) deve ter novos recursos importantes, especialmente provenientes do Japão. Isso mostra uma sensibilidade nova do FMI. Existem progressos, mas são lentos. No entanto, são suficientes para esperar que, diante do agravamento da situação dos países endividados, nos próximos anos se chegue a soluções mais imaginosas que, compulsoriamente, passarão por um engajamento maior dos governos. É a leitura mais apropriada que se deve fazer do comunicado do comitê interino.